

Pesquisadora Joelma Sant'Ana Martins

Orientador Herlon Alves Bezerra

Qualificadora Líliam Deisy Guizoni

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMOSSEXUAIS QUANTO A SUA PRÓPRIA SEXUALIDADE

Resumo

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, problematiza os estudos científicos quanto à sexualidade humana, dando ênfase aos aspectos histórico-contextuais e éticos dessa questão, principalmente no que concerne à ciência psicológica. Para tanto, parte da Teoria das Representações Sociais (TRS) como um rico instrumento científico na tentativa de conhecer como vivenciam simbolicamente sua sexualidade pessoas homossexuais. Participaram da pesquisa, 10 colaboradores sendo as informações obtidas através do instrumento Dinâmica da conversação, dentre outros. Portanto, percebeu-se que há por parte dos homossexuais, certa inquietação diante dos discursos nascidos de instituições religiosas, aumentando ainda mais o preconceito perante a sociedade, assim como, aparente necessidade de justificar sua sexualidade, mas que paradoxalmente, criticam a ciência que faz da homossexualidade alvo de pesquisas irresponsáveis na busca por uma explicação plausível para sua condição sexual.

Palavras chave: Estigma Social, Ética, Preconceito, Pesquisa qualitativa, Psicologia.

1 Introdução

A presente pesquisa surgiu do interesse político e curiosidade intelectual nascidos na pesquisadora diante de tal cenário, o qual apenas lhe demonstrou agravar ao perceber, ainda como estudante de Psicologia, evidente, mas muitas vezes não reconhecido, de que o

discurso científico não se apresenta, de maneira nenhuma, moralmente neutro em relação a tal situação: além de serem os indivíduos homossexuais já alvos históricos de críticas, preconceitos e estigmas sociais, tornam-se ainda objeto de várias pesquisas científicas, as quais, na tentativa de construir explicações e concepções cientificamente plausíveis para a homossexualidade, acabam por não dar maior relevância ao discurso dos próprios indivíduos homossexuais na constituição de um saber legítimo quanto a sua condição, correndo o risco de se tornar apenas mais um reforço, uma mera “comprovação e justificação científica”, como costumam pensar a consciência comum, para a histórica negação, aos homossexuais, de seus direitos, enquanto humanos e cidadãos.

Portanto, a partir das **hipóteses** levantadas pela pesquisadora, **de que há homossexuais que consideram sua homossexualidade como uma condição natural e geneticamente determinada, uma vez que tal explicação, nascida de um ambiente discursivo científico e contando com o “poder de verdade” apresentado pelo mesmo em nossa sociedade, pode ser usado como um escudo discursivo contra o preconceito e estigma social, uma vez que os pode isentar de qualquer responsabilidade moral pessoal quanto a sua condição sexual; e que há homossexuais que não consideram, como certa “psicologia popular” o faz, a ausência ou austeridade paterna ou, mesmo, a ausência de positivas experiências com o sexo oposto durante sua infância (traumas sexuais infantis de qualquer ordem) ou, ainda, a convivência infantil com homossexuais como um fator determinante na sua presente condição sexual, pois muitos sequer tiveram tal experiência, desconhecendo a que se poderia atribuir sua presente condição sexual, mas tendo a certeza da não opção ou escolha sexual;** não obstante, considera-se pertinente a falta de estudos na área.

Olhando para as variadas formas de expressão cultural da sexualidade humana no espaço e no tempo, apresenta-se bem improvável a afirmação de uma sexualidade natural ou de uma forma mais natural de praticar a sexualidade em relação a outras. Todas elas parecem ser mais construções sociais e históricas da sexualidade, que implicam sempre determinados tipos de encontro com o poder, no sentido de conquista do direito de exercê-las cotidianamente. Nesse sentido, o século XX concentrou como nenhum outro talvez, as características de politização da sexualidade humana, representando a intensificação cultural do caráter sempre político dessa esfera de prática humana. E o discurso científico

apresenta-se aí, sem dúvida, espaço privilegiado de manifestação das formas de expressão de tal política. (ADELMAN, 2000).

Conforme cita Cigagna (2003), o termo “homossexual”, de autoria de K. Benkert foi introduzido pela primeira vez em 1869, em literatura médica, mas mostra que sempre houve homossexuais através dos tempos. Foi somente a partir das significativas mudanças culturais que vêm se operando no Ocidente desde o final do século XIX que algumas pessoas passaram a ser identificadas como homossexuais, principalmente pelo discurso científico da medicina, particularmente em seus estudos e classificações de patologias. Nestes, se tentava identificar as causas e manifestações da homossexualidade, com interesse na terapeutização e normatização da vida sexual. Tal projeto fazia parte de todo um movimento de higiene social, dirigido ao controle e à regularização da vida das massas urbanas que não se restringia à homossexualidade. Mas, tal movimento, ao patologizar certos comportamentos sexuais, o homossexual, por exemplo, estava obviamente a endossar apenas um modo de expressão sexual, a saber: aquela consagrada pelo vínculo matrimonial. Estigmatizava-se, assim, qualquer outra forma de vivência da sexualidade, praticando-se uma vigilância moral a todo tipo de comportamento sexual considerado diferente (ADELMAN, 2000). O comportamento sexual entendido como homossexual vem, no entanto, sendo desde então, objeto de concorrência por definições legítimas por parte das mais variadas formas de saber (científica, religiosa, política, etc.) (ANJOS, 2002), fazendo com que, cada vez mais, antes de consensos, surjam novas indagações e divergências quanto a tal condição sexual humana.

Nesse sentido, é curioso como, apesar de nas últimas décadas ter se tornado uma prática comum em países ocidentais o desenvolvimento de legislações cuja finalidade última seja coibir qualquer forma de discriminação de grupos sociais considerados minoritários, os avanços relativos à tolerância quanto às diversas expressões não majoritárias da sexualidade humana tenham se demonstrado menor e bem desiguais quando comparados aos relativos a outras minorias sociais: contraditoriamente, enquanto em alguns países (não citados) a constituição assegura um conjunto de direitos aos homossexuais, em outros, as práticas homossexuais ainda podem receber severa punição. No Brasil, por exemplo, é certo, em que pese o que proclama sua Constituição - promoção do bem estar de todos, sem distinção de raça, sexo, idade e origem. Em meados do século XX, o primeiro

Relatório Kinsey verificou que práticas homossexuais eram bem mais difundidas que o pensado nos Estados Unidos, sendo nos anos 60 a aparição dos primeiros movimentos gays e que a Associação de Psicologia afirmou que a homossexualidade não é doença Psicológica (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

Na tentativa de dar uma contribuição na superação de tal forma de “preconceito metodológico”, este trabalho teve como *objetivo* dar voz ao indivíduo homossexual, buscando partir de como vivenciam os mesmos, sua condição sexual, uma vez que têm como “matéria-prima simbólica” para a construção de uma compreensão pessoal de sua sexualidade, de um lado, a forte e historicamente arraigada estigmatização da homossexualidade, e, de outro, as lutas recentes, e ainda com pouca ressonância social, pelos direitos civis e morais dos homossexuais. Uma vez que as representações são sustentadas pelas influências da comunicação e constituem as realidades da vida cotidiana, servindo como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nos ligamos uns aos outros (Moscovici, 2005), temos a Teoria das Representações Sociais (TRS), conjugada aos princípios investigativos fundamentais à Pesquisa Qualitativa (PQ). considera-se que esta teoria acabou por se revelar um rico instrumento de acesso à vivência simbólica dessas pessoas, possibilitando ainda, por um lado, a abstenção de qualquer hipótese causal ou genética, assim como as afirmações relativas ao status ontológico dos fenômenos analisados (Berger e Luckmann, 1985) e, por outro, a problematização ética dos estudos científicos quanto à sexualidade humana, em particular, quanto à homossexualidade, principalmente no que concerne à sua relação com a ciência psicológica.

2 Metodologia

2.1 Participantes

Ao ter conhecimento de um grupo militante ONG GIAMA- Grupo Ipê Amarelo, entrou-se em contato com os mesmos para averiguação da possibilidade de realizar a pesquisa. As informações a que o leitor terá acesso a seguir têm origem em dois momentos de contatos com grupo de pessoas homossexuais ligadas a esta ONG de “militância gay”, sendo a primeira com a diretoria que autorizou posterior encontro com o grande grupo

sendo alguns militantes residentes na cidade de Palmas/TO.

O local proposto para conduzir o cenário da dinâmica partiu da manifestação do próprio grupo. Por ser um local público, houve participação de pessoas que chegaram no momento e mostraram interesse em participar, o que justifica a participação de outras orientações sexuais na pesquisa. Partindo desse pressuposto, inicialmente teve-se a idéia de trabalhar somente com pessoas homossexuais do sexo masculino, porém, participaram da pesquisa 5 militantes, sendo 2 do sexo biológico masculinos (homossexuais) e 3 femininos (lésbicas), 5 heterossexuais masculinos e femininos, porém, alguns não se manifestaram, participando somente como ouvintes. Por motivos alheios, o tempo foi reduzido, obtendo pouco conteúdo ao final da pesquisa. Percebe-se que a pesquisa qualitativa apresenta peculiaridades no seu decorrer, sofrendo algumas alterações quanto à metodologia pretendida. Foi considerada a disponibilidade dos mesmos em contribuir com a pesquisa, porém, a maioria esteve ausente. Para tanto, foi retomado o objetivo da pesquisa, tornando todos os presentes cientes do que se pretendia com a pesquisa, facilitando assim, o processo, discriminando as falas dos colaboradores por Sexo 1, Sexo 2 e Sexo 3 consecutivamente como descrito anteriormente por orientação sexual.

2.2 Procedimento

Após aprovação do Comitê de Ética, deu-se início à pesquisa, apresentando os objetivos e problemática para membros interinos da diretoria da ONG. Após verificação do interesse em contribuir com a realização da pesquisa, apresentou-se o Termo de Consentimento livre e esclarecido, devidamente lido e assinado confirmando a colaboração.

Portanto, foi dado ênfase em todo o contexto histórico e cultural dos sujeitos, resgatando sua singularidade, embasando teoricamente a fim de correlacionar principalmente no que diz respeito à sexualidade humana, transitando entre a teoria e a fala, com base na ética psicológica e a questões atualmente discutidas no contexto social no qual estão inseridos. A devolução dos resultados foi realizada de forma escrita, sendo entregue à diretoria da ONG, uma cópia do artigo, podendo os interessados ter também acesso através da publicação da pesquisa e em trabalhos científicos.

Além do uso da Teoria das Representações Sociais, foram utilizados outros instrumentos para a coleta das informações. Como instrumento facilitador da criação de um

cenário de conversação propício às trocas de informação necessárias à realização desta pesquisa, que tem como universo investigativo os significados, os motivos, as crenças, as aspirações, os valores e as ações dos indivíduos (MINAYO, 1992), foi feita a apresentação do filme “Kinsey: Vamos falar de sexo” que retrata o referido tema como sugere (Filho, 1995), considerado pela pesquisadora um instrumento representante de uma quebra de tabus e preconceitos sobre a sexualidade humana, não só na época em que foi produzido e bastante criticado pela massa social, mas provocando vários discursos culturais até os dias atuais, passando o sexo a ser no mínimo, uma das pautas publicamente discutidas, buscando conduzir os indivíduos do grupo aos campos significativos de sua experiência pessoal (González Rey, 2005).

Sendo justificado pela presença de colaboradores que compareçam no momento, foi preciso retomar aos objetivos, trazendo como exemplo, a justificativa de estar realizar tal pesquisa. A partir da comparação da atual pesquisa com um dos pontos levantados pela pesquisadora como característico do filme, pontuou a relevância das pesquisas iniciadas por Kinsey, tendo de início estudos com seres vivos (vespas), estendendo aos seres humanos do sexo feminino, posteriormente ao masculino e chegando à experiência com pessoas homossexuais. Porém, para melhor compreender a subjetividade humana, a pesquisadora entende que o cientista precisou transitar entre o universo reificado, passando a “experimentar” também o universo consensual, não dando grande relevância ao quantitativo, mas às características individuais dos sujeitos envolvidos, dando voz aos próprios “objetos” de sua pesquisa, o que por um lado, seria uma quebra dos modelos já propostos até então. Diante desse exemplo, pretendeu-se mostrar, que a partir do contato com pessoas homossexuais, estaria quebrando o modelo metodológico existente, passando a observar de perto como vivenciam sua sexualidade.

A partir do uso do filme e retomada da explicação dos objetivos, conseguiu-se levar os indivíduos aos campos significativos da sexualidade, instigando-os a expressar suas concepções, facilitando o acesso ao campo simbólico de suas representações, atingindo assim um conteúdo satisfatório a ser analisado, apesar do tempo de conversação. Houve a facilitação das falas com o uso do instrumento Dinâmica da conversação, (González Rey), sendo as pessoas convidadas a completar livremente três frases, elaboradas a partir do que se pretendia nos objetivos da pesquisa, com instrumento denominado “Completamento de

frases”, para a coleta das informações. As frases elaboradas e utilizadas foram: 1- Diante do que retrata esse filme..., 2- Minha sexualidade..., 3- Diante de tentativas de explicações científicas me sinto..., que foram trabalhadas no sentido geral do tema, devido a falta de tempo, indo contra os objetivos propostos inicialmente assim como do próprio instrumento, ponto característico da pesquisa qualitativa. As falas pretendiam ser gravadas, mas por falha técnica não foi possível, sendo somente transcritas ao final do encontro.

3 Resultados e Discussão

A análise e discussão dos resultados partiram de hipóteses levantadas, considerando assim, o conteúdo trazido por eles, fazendo correlação das falas com a teoria existente, dividindo por temáticas.

Contudo, com os instrumentos, obtiveram-se resultados significativos, aos quais se pretendia chegar, expondo o conteúdo de forma geral e levantando discussões. Após lançar a primeira frase do instrumento utilizado “**como me sinto diante do que retrata esse filme**”, os participantes falaram abertamente sem dar ênfase à todas as frases como se pretendia, sendo trabalhado o tema de forma geral. Foi citado o Relatório Kinsey, como sendo “*um dos relatos mais bem elaborados em relação à sexualidade, valorizando as questões por ele levantadas sobre a sexualidade humana*”, considerando ainda o filme como sendo “muito interessante”, mostrando pretensão em “*trabalhá-lo em outros momentos*”. Foi citado também “*o surgimento da “AIDS” considerada como peste gay pelos moralistas, o que mostra a crítica à atribuição do HIV com a homossexualidade, assunto bastante polêmico na década de 90 contra a classe que se viu ameaçada*” (Sexo 1).

Convém lembrar o fato do grupo salientar a forma de como se pretendia desenvolver a pesquisa, tendo eles, certa dificuldade em compreender, pois se diferenciava de certa forma, de todas as outras já apresentadas e desenvolvidas na ONG, sendo pesquisas formais com uso de entrevistas, questionários, etc. Portanto, considera-se um reconhecimento dos mesmos, qualificando o lado característico da ciência psicológica em conjunto com a pesquisa qualitativa.

3.1 A homossexualidade como alvo científico

Oliveira (2004) afirma que há uma proliferação de pesquisas sobre o tema, que até meados de 1994 seguiam quatro rotas principais, considerando 1º- o percentual de homossexualidade gêmeos idênticos, 2º- análise da anatomia cerebral, 3º o estudo da linhagem materna e o 4º, o estudo do cromossomo X.

Devido a diversidade de tentativas em pesquisas, o termo *homossexualismo* sofreu mudanças ao longo do tempo. Através de vários estudos no campo da medicina, verificou-se que tal termo dava conotação de doença, ou seja, o sufixo “ismo”, na ciência é usado para classificar patologias especificamente, e por não haver consenso entre cientistas e pesquisadores, quanto ao termo em questão, este foi banido, passando então ao uso do termo *homossexualidade*. Como relata Oliveira (2004), desde 1974 a Associação Norteamericana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade como um distúrbio mental, citando o CID - Classificação Internacional de Doenças, que não a inclui mais no rol das mesmas, no entanto, a discriminação que ronda cada passo da engenharia genética, segundo ela, já está causando tumulto nesse cenário de aparente calma, que tanto custou a ser conquistado. Considerando ter sido uma das primeiras informações obtidas no primeiro encontro, foi mencionada (Sexo 1) *a mudança do termo homossexualismo* afirmando “*não poder mais ser considerada como doença*” (Sexo 1). Pode ser interpretada como tentativa ou necessidade explicativa de sua condição, de expor sua concepção da não escolha sexual, como foi também citado pelo mesmo o “Eros explicativo de Freud”, em suas palavras: “*não querendo contrapor sua teoria*”, mas indagando sobre “*as primeiras relações sexuais*”; falando que alguns *autores* (não mencionados) “*confirmam a formação da personalidade só após os 14 anos de idade*” (adolescência), daí indaga instigantemente então: “*como saberíamos quando criança que já podemos ser homossexuais?*”. Usando uma colocação inicial da pesquisadora ao apresentar algumas críticas ao meio científico, após a apresentação do filme, um dos colaboradores faz algumas indagações acerca de “*tentativas de explicações das questões da homossexualidade, mas por outro lado, não fazem explicações e indagações da heterossexualidade*”, (Sexo 1), por exemplo. Paradoxalmente considera-se a partir dessas considerações, que ao mesmo tempo em que mostram necessidade de um diagnóstico preciso, se mostram questionadores e até invadidos por

serem alvo da ciência explicativa o tempo todo.

Apesar de nos depararmos com as várias atribuições diante da incógnita da homossexualidade, seja de origem filogenética, genética, opção ou escolha, etc, Oliveira (2004), afirma que todas as pesquisas sugerem o mesmo direcionamento (...), uma procura desenfreada por uma determinação genética que explique a identidade, o comportamento sexual, a tentativa de comprovar cientificamente que a homossexualidade corresponde a uma doença, um erro genético, e que a bissexualidade equivale à meia doença, metade de um erro genético, é complicado, revelando também o refinamento a que podem chegar a intolerância e a incapacidade de conviver respeitando as diferenças, sendo a busca de um jeito qualquer que demonstre as bases genéticas da homossexualidade uma idéia fixa em sua opinião.

3.2 Discursos nascidos de Instituições Religiosas fundamentalistas

Os religiosos sempre usam passagens bíblicas como argumentos para justificar a condenação cristã da homossexualidade. “Na atualidade, fala-se muito sobre diferenças, diversidade e o direito de todos à cidadania” (ADELMAN, 2000), a homossexualidade vem sendo vista como um tema a ser, no mínimo, discutido, por todos, com maior seriedade, isto é, para além do mero sarcasmo, moralismo e patologização pseudo-científica. Por outro lado, as indagações em geral tendenciosas, com forte teor de discriminação, de invasão de privacidade das pessoas são inúmeras, aparecendo de forma considerável “a religiosidade” colocada constantemente nos dois momentos da pesquisa, sendo considerados os movimentos e discursos nascidos de instituições religiosas, bem como a manifestação das igrejas contra a Parada Gay, através de campanhas, etc. A partir dessa consideração, vê-se que o grupo percebe a igreja como uma forte aliada, caso tivessem abertura, mas por outro lado, a vêem como uma instituição ameaçadora, cujos discursos preconceituosos são geradores de repressão e estigma social.

Conforme Lacerda, Pereira & Camino (2002), em nosso País, Brasil, até recentemente a Psicologia omitiu-se no processo de retirar o estigma dos homossexuais, enquanto diversas entidades científicas condenaram a discriminação à homossexualidade e levaram em 1985, o Conselho Federal de Medicina a não considerá-la como doença.

Consideram também que boa parte de psicólogos, sem manifestar preconceito, tratam à homossexualidade como um distúrbio que deve ser assumido, ou, se possível superado, achando mais grave ainda a criação feita por eles em conjunto com igrejas evangélicas, de serviços de recuperação, prometendo o retorno à verdadeira natureza humana (LACERDA, PEREIRA & CAMINO, 2002 apud ALMEIDA & CRILLANOVICK).

Essa é uma realidade que precisa ser minuciosamente monitorada pelo CFP, visto ser os homossexuais amparados pela Resolução 01/99 e Código de ética, porém podem contar com a atuação de alguns profissionais que oferecem seus serviços na tentativa de cura e ou reversão da homossexualidade.

Esse trecho pode justificar e ou reforçar os discursos nascidos de instituições religiosas citados pelos colaboradores.

“Temos necessidade de falar sobre nossa sexualidade, mas com quem falar”? Não podemos falar disso com nossa mãe, por exemplo. Os amigos, não querem nos ouvir, acham que podemos ferir a integridade deles. Comparado às conquistas de muitas igrejas aqui na cidade, que em cada esquina temos uma, uma religião... Somos discriminados, nunca conseguimos nada por isso... Várias igrejas já receberam lotes imensos para construir sua sede, e nós temos um projeto, mas nunca foi aprovado, não temos incentivos. Queremos um local pra discutir nossa sexualidade, mas não temos. Creio que muitos de nós aqui temos amigos evangélicos, e acho que precisamos conversar com eles, falar sobre a nossa sexualidade. Acho que tínhamos que “fazer um estudo bíblico.” (Sexo 2).

Esta é uma relevante comparação das conquistas das instituições religiosas, o que mostra o não reconhecimento da instituição (ONG) a qual pertencem, através de constantes tentativas buscaram subsídios, e a priori, sem êxito, para a construção de sua sede própria, por exemplo. Mostra também o desejo e necessidade de um espaço onde possam falar abertamente sobre sua sexualidade, angústias, pretensões e desejos. Essas conquistas de

instituições religiosas são vistas criticamente não só por eles, mas pela sociedade de um modo geral, indignada, como expectadora de tais conquistas consideradas de caráter desenfreado e abusivo do poder.

Partindo das hipóteses já levantadas anteriormente, faz-se referência à citação de um relato na íntegra, ao referir-se à frase “*Minha sexualidade*”..., um dos colaboradores afirma:

“Minha sexualidade”... ? “Não tive pai, não tive trauma na minha infância, não me lembro de nada que possa ter causado isso, nem acredito. Só sei que minha sexualidade é inata, é o que sinto, acredito no lado biológico, mas nada sei explicar”. “Desde meus 5 anos de idade já me vi homossexual e falava pra todo mundo, sou viado... Acredito ser genético, acredito no meu biológico, mas acho que precisa haver estudos mais aprofundados sobre isso. Faço comparação do meu cérebro com o cérebro feminino, que dizem funcionar mais predominantemente o lado esquerdo. É assim que me sinto, sempre tive e sempre senti esse meu lado. Mas desde cedo, meus 7 anos, as pessoas já me percebiam e me taxavam de “viado, na escola principalmente”. (Sexo 1).

Afirma ainda (Sexo 1) que “*uma forma de sobressair diante dos outros, era liderando, uma forma de estar impondo respeito. Sempre fui o melhor na escola, tirava sempre as maiores notas, era o mais notado e participativo da sala*”. Portanto, percebe-se a necessidade de reconhecimento da sociedade que apesar de discriminadora, precisa reconhecê-los como tal. Isso mostra a necessidade de mostrar características que sobressaiam diante da negatividade de ser “diferente”, conforme prega a sociedade.

Ao falar do incentivo das “Políticas Públicas e suas repercussões psicossociais”, sem pretensão de tentar compreender a homossexualidade, ao lançar o tema na mídia, de certa forma, entende-se que é uma forma de estar tentando inserir o homossexual na sociedade, o que é trazido de forma aceitável ou não, o que por um lado, faz com que a sociedade tenha maior conhecimento de sua identidade sexual, mas, paradoxalmente, não deixa de contribuir para o surgimento de polêmicas, o que é visto na mídia de forma

bastante exploratória, como o uso de relatos de experiências familiares com a homossexualidade na vida real ou na ficção, levando a exaustivos questionamentos, levantamento de críticas intoleráveis que contribuem para a exclusão social desses indivíduos, que se vêem diante de uma sociedade fortemente armada de discriminação. Talvez como reflexo disso, há também, e cada vez mais, a manifestação de grupos e movimentos sociais em busca da afirmação plena dos direitos de cidadania dos homossexuais e da necessidade de uma emancipação sexual que, antes que somente política e jurídica, seja também pessoal, social e cultural (SANTOS, 2000, p. 261). Mas essa consideração não deve ser colocada de forma generalizada, pois apesar de algumas intolerâncias da sociedade, o homossexual é um cidadão comum, e como qualquer indivíduo, é digno de respeito, possui sua subjetividade, e como tal, não perde o direito de viver em sociedade devido sua sexualidade, que para muitos é uma opção de vida e quem a escolha deve ser responsável por tal escolha, mas esquecem que além de serem minoria, não tem o apoio da maioria. Com base nisso, percebeu-se uma necessidade explícita de explicativos de diagnóstico, o que foge ao proposto em nossos objetivos. Ou seja, na tentativa de representar uma quebra de paradigmas, somos surpreendidos por tal necessidade, o que mostra não haver uma visão da ciência psicológica de outra forma, senão do modelo clínico (diagnóstico), de representar e discutir a (homos) sexualidade, sendo explícito' o desejo de saber sobre o convívio dos pesquisadores com pessoas homossexuais; o que nos leva a pensar na relevância que isso pode ter para eles, ou até mesmo, ser uma tentativa de saber nossa visão diante da homossexualidade. Portanto, percebe-se uma necessidade de confirmação dos pesquisadores por parte do grupo, sobre o convívio com pessoas homossexuais, o que talvez possa significar uma busca de segurança com nossa presença no grupo, a priori, sem pretensões preconceituosas para julgá-los, e sim na pretensão de fazer cientificamente a compreensão e análise de suas atribuições quanto à sexualidade. Importa ao pesquisador ter, pois, de maneira muito clara, como tais movimentos discursivos divergentes e contraditórios cotidianos, como elementos constitutivos do mundo de sentidos que vivemos todos nós como nossa realidade, são a moldura que irá incorporar e significar os resultados de suas pesquisas científicas.

Consideravelmente, foi de grande relevância o período em que aconteceu a pesquisa, visto coincidir tanto com um ano político quanto com o período inicial de

parcerias com instituições consideradas influentes e capazes de amenizar o preconceito contra a classe, que se uniram na luta contra crimes e discriminação de grupos vulneráveis com sinais homofóbicos, um movimento de caráter nacional, oportuno, pois se dava início à realização de uma Campanha do Governo Federal “Brasil sem Homofobia”, conforme citado por eles, com incentivo na Campanha contra a Homofobia, da Prefeitura da cidade, através da iniciativa da Coordenadoria Municipal da Mulher, Direitos Humanos e Equidade (COMUDHE), lançada em Palmas dia 03 de maio 2006, conforme editou o Jornal Correio do Tocantins em 04 de maio de 2006. O evento ocorreu no Auditório do Ministério Público e contou com a participação do atual Presidente da ONG, conforme cita o jornal, Marcos Palha, ressalta em sua entrevista, a importância da iniciativa da prefeitura considerada por ele ímpar, para trabalhar a conscientização dos Direitos Humanos, afirmando que movimentos como esses ajudam a sociedade a ter uma nova visão em relação aos homossexuais, sendo uma visão mais humana, segundo ele. Essa campanha pode ser percebida como maior abertura para conquista de espaço para a classe reivindicar seus direitos, assim como conquista de parcerias, o que trás fortalecimento, além de patrocínios como a 3ª Parada Gay de Palmas, movimento nacional e internacionalmente conhecido e divulgado, que reúne homossexuais de todo o estado na reivindicação de seus direitos, curiosos, simpatizantes, e, consideravelmente intrigante como no ano anterior, uma campanha das igrejas evangélicas contra tal manifestação.

Segundo Marinho (2006), dados do Grupo Gay da Bahia mostra que a cada 72 horas, uma pessoa é assassinada por ser gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual, e nos últimos 25 anos, foram contabilizados 2.600 crimes homofóbicos no país, fazendo deste, um campeão mundial de assassinatos a GLBT’S, o que levou 76 municípios brasileiros a possuírem leis orgânicas que proíbem a discriminação por orientação sexual, dentre eles, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, que chegam a multar os discriminadores.

Homossexuais “agem de maneira cautelosa, para não se entregarem, com a tensão provocada (...) quase intolerável pelo fato de enganar família e amigos, havendo necessidade de controlar palavras e gestos para não se denunciar” (GOFFMAN, 1988, p. 101). Isso acontece também nas Paradas Gays, onde há alguns camuflados para não serem reconhecidos pela sociedade que se faz presente. No universo consensual “ficar dentro do

armário” pode gerar danos, como a homofobia internalizada, provocando sofrimento na vida do indivíduo que internaliza seus sentimentos.

Portanto, não se pode deixar de perceber, no entanto, o quanto à mídia, de forma a ressaltar a homossexualidade, por exemplo, vem aproveitando-se do momento, e tem mercantilmente explorado a sexualidade dessas pessoas, contribuindo para o surgimento de polêmicas irresponsáveis, das quais são vítimas famílias inteiras e, nas quais, não se vê um claro compromisso com a superação das intolerâncias deixando de lado o retrocesso, com o passar do tempo isso já está tomando novos rumos. As manifestações grupais foram citadas no grupo, o que mostra a característica de um grupo “militante, citando a Parada Gay, outros trabalhos já realizados e vídeos de caráter acadêmico que registram tais movimentos.

Já na sua 3ª edição, a Parada GLBT, ocorrida dia 25 de junho deste, reuniu pessoas de todo o Estado, tendo como Tema de manifestação “O amor é livre, Homofobia é crime, enfatizando a Liberdade de expressão e combate à homofobia. Uma das conquistas, conforme Marinho (2006), foi o apoio do Governo estadual, sendo a primeira vez que o poder executivo estadual os apóia na busca de seus direitos básicos, sendo citado por um dos participantes do movimento, que *“a maior dificuldade dentro do poder legislativo, que dificulta na aprovação de projetos de lei que visam beneficiar os homossexuais”*.

Além de um evento cultural, esse movimento na concepção de Marinho (2006), é uma forma de conscientização e prevenção contra AIDS e DST's, sendo distribuídos por agentes de saúde mais de dois mil preservativos cedidos pelo Ministério da Saúde. E cabe ressaltar a consideração feita por um dos entrevistados do Jornal, afirmando que o *“gay finge que não é, e as pessoas fingem que não sabem”*. O jornal coloca esse trecho como desabafo de um homossexual não encorajado a assumir sua sexualidade diante da sociedade, trazendo o objetivo principal do GIAMA, Grupo Ipê Amarelo de Conscientização e Luta pela Livre Orientação Sexual. Pressupõe-se, portanto, que negar é a forma mais fácil de expor tais intolerâncias criadas, o que justifica, a meu ver, o fato de rejeitarmos o que foge ao alcance de nosso entendimento. Talvez pelo fato de não acharmos uma explicação lógica pra certos fenômenos, ou mesmo pelo fato de acomodarmos com o que nos é imposto e simplesmente negarmos, que é mais fácil a buscar explicações cabíveis.

“No Brasil de hoje, talvez não seja absurdo dizer que ser ou não homossexual ainda

seja questão bem mais aflitiva que ser ou não negro, deficiente físico, mulher” (LACERDA, PEREIRA & CAMINO, 2002 apud ALMEIDA & CRILLANOVICK). Isso se reflete no desabafo de um dos entrevistados trazido pelo Jornal, em que um dos manifestantes afirma que *“o preconceito é um problema histórico”*, citando como exemplo, *“os negros que foram e ainda continuam a ser discriminados, e gays negros são duplamente discriminados em sua concepção”*, referindo-se o preconceito sofrido por ele diariamente.

“A violência contra homossexuais do sexo masculino”, aparece no momento da pesquisa sendo *“comparada ao sexo feminino em que, geralmente, este último não chega a ser tão violento, sendo a maioria dos casos femininos crimes cometidos com o uso de armas de fogo, sem muito sinal de violência. Isso é uma demonstração de muito ódio e aversão às vítimas do sexo masculino, desabafam, mostrando que sofrem sendo vítimas de armas brancas como facas, machados, etc., com base no alto índice de criminalidade contra homossexuais nesta capital”*. (Sexo 1). Foram mencionados alguns casos *“uns já desvendados, outros ainda em andamento”*, o que mostra na concepção deles *“o descaso da justiça, até mesmo com a omissão dos crimes, que nem sempre são divulgados e quando o são, não são reconhecidos como sendo crimes contra homossexuais, tirado de foco a homossexualidade “não sendo reconhecidos até mesmo pela família que omite os crimes como sendo de caráter homofóbicos”* (Sexo 1). Percebe-se que a Homofobia, é marcada pela aversão contra homossexuais, e pode ser percebida e expressada não só criminalmente, mas através de alguns impedimentos, por exemplo, o que dificulta o acesso destas pessoas, o que constitui violação de seus direitos.

Marinho (2006) afirma que a homofobia pode ser considerada crime, e todos os dias homossexuais são vítimas de violência, indo desde agressões verbais, outros diversos crimes chegando à morte, mostrando o que buscam homossexuais diante desses movimentos e audiências públicas, a aprovação de projetos de lei que prevêem a criminalização da homofobia, como mostra o seguinte desabafo: *“Quando sofremos algum tipo de racismo, não temos lei para nos defender como acontece com os negros”*. Isso trás grandes implicações podendo ressaltar a própria homossexualidade como exemplo, pois devido o desconhecimento levam pessoas homossexuais a serem discriminadas e excluídas diante da intolerância social. Subentendem-se através desses desabafos fragmentos de

grande preocupação diante da violência contra homossexuais, tendo eles resistência na aceitação diante da passividade das autoridades que fazem “vista grossa” diante de crimes, não registrando nem tão pouco reconhecendo como crimes homofóbicos, como citado por eles.

Foi relatado por um membro do grupo, que na época em que fazia o ensino médio percebeu que “há um modismo em relação à bissexualidade, as meninas passam a experimentar, algumas se descobrem homossexuais, outras gostam, mas percebem que não é o que sentem”. (Sexo 1). Em toda sua vida, “*de forma direta nunca sofreu nenhum tipo de discriminação, conta com apoio de sua família, pais e amigos, citando um grupo denominado na escola de massa podre pelo diretor*” (Sexo 2). Percebe-se diante desse relato, a consideração do âmbito educacional como sendo um local propício para início de preconceito e discriminação, afirmando ser um local muito apropriado para se descobrir, como mostra a seguinte frase: “*Muitos se descobrem através de suas experiências na escola*”, mostrando que “*existem meninas que sentem o desejo e ficam dentro do banheiro da escola*”, sendo colocado como “*medo de serem estigmatizadas*”. Conforme mostra a Equipe Interdisciplinar do CORSA, Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor, no âmbito educacional, o educador tem diante de si, uma multiplicidade de seres humanos em franco desenvolvimento físico, mental, moral e emocional, e apesar de não ter obrigação de saber e nem tão pouco determinar o que seus alunos serão no futuro, não pode se furtar ao esforço de garantir que cada um deles conquiste seu espaço, através do pleno exercício de seus direitos de cidadão.

Essa colocação instiga os outros que indagam o motivo de “*ficar só dentro do banheiro*” (Sexo 1), obtendo como resposta que “*é pela camuflagem que existe*” (Sexo 2). Podemos relacionar essa necessidade à homofobia internalizada. Já o fato da escola ser caracterizada como ambiente de descoberta pode estar relacionado com a fase da adolescência, fase em que começam a despertar a sexualidade. Contudo, se dizem “*assustados com a forma que os próprios professores lidam com a homossexualidade dentro da escola, sendo que, há pouco tempo passaram a falar sobre o assunto, não sabendo como proceder diante desse assunto não estando em sua concepção, preparados pra tanto, e com isso, acabam piorando a situação de discriminação*” (Sexo 2). Esse relato faz lembrar ao que CODO, 1995 (citado por Raquel, 2006) chamou de Processo

iatrogênico, estando muito visível nas escolas; ao invés do professor trabalhar na prevenção de um problema, dá margem a novos problemas, desencadeiam maiores problemas dentro dela. Como afirmou o grupo, *“os próprios professores discriminam os alunos, taxando-os de viados”*. Diante dessa fala completa um dos colaboradores (Sexo 3) afirmando ter *“consciência de que os homossexuais precisam de um advogado, de uma intervenção jurídica, mas até o momento não vê e ainda não foi procurado como advogado do grupo para tratar dessas questões, mas mesmo assim, insiste na necessidade, ressaltando “a precisão de haver essa procura e de mais reuniões como esta”* (momento da pesquisa), para tratar desses assuntos, afirmando que *“esse tipo de discussão fortalece o grupo e o ajuda a crescer”*. Uma das colocações mostra que *“o sentimento de que a homossexualidade está dentro deles e com isso vão tendo experiências desde pequenos”*, (Sexo 2), relatando *contatos com primas, com quem “brincavam” juntos e iam se descobrindo, mas nenhuma delas se tornou homossexual por isso. Acha que “algumas mulheres têm um porte masculino, mas nem por isso e nem sempre são”*, exemplifica, citando algumas primas com tais características. Esse relato mostra o que a própria ciência afirma que não necessariamente as primeiras experiências sexuais irão determinar nossa sexualidade. Cita ainda que *desde pequena acha ter frustrado sua família, pois sempre foi a primeira em tudo, a primeira neta, filha, e com isso depositaram tudo nela, ma ela afirma ser assim e fala isso abertamente em casa.*

Mostrando divergência das teorias psicológicas que considera as influências filogenéticas e imutáveis, Pease (2000), faz constatações de que a homossexualidade é inata e que o ambiente exerce um papel muito menos importante do que se pensava na determinação do nosso comportamento sexual, e como relatado por um dos colaboradores: *“vão se descobrindo como tal, e assim descobrindo sua sexualidade”* (Sexo 2). Como mostra Pease (2000), é uma orientação inalterável, citando que *“conforme comprovaram cientistas e especialistas em sexualidade humana, essa condição é definitiva, acreditando os pesquisadores que a orientação sexual é quase completamente determinada ainda na vida intra-uterina, sendo confirmada por volta dos cinco anos de idade e é incontrolável.*

4 As Implicações Sociais da Homossexualidade: O Estigma, Preconceito e Discriminação Social: Fatores que contribuem para a Inclusão/Exclusão Social de homossexuais

Como se não bastasse a complexidade do viver em sociedade, a mesma é fortemente marcada pelo preconceito e discriminação de um modo geral e com isso, a homossexualidade é uma das práticas que vem ao longo dos séculos sofrendo com repressões, não sendo esta considerada como casos isolados, e como descreve Anjos (2002), “a condição de cidadão como causa permite à organização executar o que Boltanski chama de dessingularização, tratando as discriminações sofridas por homossexuais não como particulares, mas como afronta aos Direitos Humanos e à Cidadania”. Argumenta ainda para explicar, que isso significa redefinir relações entre vítima de discriminação e discriminador, em termos de relações entre categorias de indivíduos, exemplificando com a fala de um entrevistado de orientação homossexual, citado em seu artigo “*Homossexualidade, direitos humanos e cidadania*”, onde afirma que essa classe “sempre teve a intenção de colocar publicamente a violência contra gays e lésbicas, como violência contra a pessoa humana, ou como violação dos seus direitos como violação dos direitos humanos”, não restringindo tão e somente a homossexuais, mas a sociedade como um todo. Foi citado pelo sexo 2 ao lembrar de um acontecimento na universidade, que “*apesar das pessoas serem conservadoras, em um dos movimentos no local, foi colocada uma bandeira GLBT - (Gays, Lésbicas, Bissexuais e transexuais) próximo do DCE.- (Diretório Central dos Estudantes)*. Faço referência à Marinho (2006), que destaca as cores apresentadas pela bandeira, sendo as cores do arco íris, como destaca simbolizando a beleza e harmonia. Já o grupo destaca a bandeira simbolizando a união de todas as cores. Segundo a colaboradora (Sexo 2), “*a bandeira foi tirada, pisoteada e roubada no meio de todos, por um dos estudantes*”. Ocorreu num momento em que a mesma não estava presente, mas posteriormente, tiveram uma discussão, onde afirmou sua homossexualidade (lésbica) e que bandeira estava lhe representando e indagou: se “*isso o fere e se fere sua integridade*”, tendo a percepção de que se tratava de “*uma pessoa que não sabia argumentar*”, afirma. Em sua opinião, “*na faculdade, por causa dos movimentos, as pessoas ficam mais recatadas, não ferem ninguém de graça, ficam meio constrangidos de chegar até eles*”, porém “*essa intolerância é percebida dentro da própria classe*”, que se auto-discriminam, considerando “*a reprodução do preconceito tida conforme o homossexual se cala e se camufla diante dos outros, aumentando essa condição preconceituosa*”.

A diferenciação anunciada pelo próprio grupo em relação aos “crimes entre os sexos

de homossexuais” (Sexo 2) foi ressaltada, com afirmação de que *“existe uma camuflagem de homossexuais masculinos, sendo que os mais afeminados sofrem muito com a discriminação, sendo taxados de “bichas” e os mais machões são chamados popularmente de “viados” (Sexo 2). Porém no sexo feminino também aparece essa diferença, onde as “Leides” (Sexo 2) como são chamadas, são aquelas que usam saltos altos, bem mais femininas que as outras, mas que camuflam sua sexualidade, agindo na sociedade de forma diferenciada e se aproveitam disso pra levar a melhor. As próprias “leides” discriminam as mais masculinas “sapas”, consideradas por elas, como sapatões, ou seja, uma discrimina a outra, evitando se misturar perante a sociedade, agindo como sendo heterossexuais”*. Isso mostra mais uma vez que *“a discriminação existe e é incômoda dentro da própria classe”*.(Sexo 2). Mas conforme Picázio (1998), os papéis sexuais, como denomina esse comportamento, são os papéis colocados pela sociedade, como forma de comportamento típico para homens e para mulheres, o que podemos exemplificar com a padronização imposta pela sociedade na escolha da cor rosa e azul, para bebês do sexo feminino e masculino, futebol para homens, bonecas para mulheres, etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a sociedade ainda se mostra intolerante diante das incógnitas dos fenômenos que fogem ao nosso entendimento, e isso traz incômodos, como pôde ser percebido no movimento da 3ª Parada GLBT de Palmas em junho/2006. Diferente de heterossexuais, o público GLBT não se intimida nem se incomoda com a presença, mesmo com a notória indignação diante da manifestação, momento impar, que usam como forma de protesto, momento em que se pode flagrar casais homossexuais publicamente, de mãos dadas, troca de carícias, etc., fazendo com que as pessoas se choquem, visto fugir ao dito “normal” (heteronormatividade) vigente na nossa sociedade, o que raramente pode ser visto e ou “aceito” pela sociedade, exceto em ambientes como bares e boates GLS (Guetos). Isso implica ao que Vásquez (2003) afirma, não podemos viver isoladamente fora da sociedade, e por esta sociedade somos influenciados desde nossa infância, ou seja, é através de nossa inserção ao meio que estamos sujeitos a influências sociais, seja no plano familiar, escolar, amigos, costumes e tradições. Mas são essas influências que nos preparam para o viver em

sociedade, nos levando a refletir no como agir no nosso cotidiano. Ainda em suas palavras, temos tendência de nos elevarmos a grupos nos quais mais nos identificamos, afirmando que na vida adulta temos mais liberdade de escolha, havendo opções de valores, sendo este momento mais reflexivo para essas mudanças valorativas. Mas vê-se, que o sujeito não tem como ser totalmente sujeito de sua própria vida, pois precisa viver em sociedade, e para isso, existem normas, impostas justamente por ela, padrões heteronormativos e se vivermos de uma forma que vai contra as regras impostas, somos taxados diante dela, ou seja, como afirma Vásquez (2003), “na fase adulta temos mais liberdade de escolha”, mas não temos como ser sujeitos de nossa própria vida, pois se escolhermos viver moralmente, precisamos nos adequar ao que é imposto, isso causa angústia, pois não conseguiríamos ser sujeitos de nossa vida sem causar angústias, pois nem sempre o que nos impõem é o que se deseja, e para nos adequarmos, sofreremos com a angústia de não sermos total e socialmente livres.

Fica clara a percepção do sofrimento e de lutas por parte do público GLBT diante da discriminação por parte da sociedade, que afrontados de forma imoral, deixam de ser respeitados como pessoa e como ser humano, o que os impedem de viver seu direito à cidadania plena, principalmente diante discriminação homofóbica e da busca constante e irreparável de um diagnóstico que venha revelar as indagações acerca da homossexualidade, o que paradoxalmente é tido como uma necessidade explicativa explicitada por eles, que associam sua sexualidade como algo ainda inexplicável por eles principalmente pela ciência, considerando possivelmente a um fator genético, como mostra alguns relatos que confirmam as hipóteses levantadas, excluindo também a probabilidade de fatos traumáticos na infância, austeridade e ou ausência paterna (figura masculina) na infância, já outros afirmam que vão se descobrimento como tal, apesar da prevalência teórica de fatores sociais e familiares. Isso reforça que apesar da identidade do indivíduo ser construída a partir do seu convívio no meio, é confuso aos homossexuais pensar numa identidade sexual constituída da mesma forma, pois acreditam ter nascido homossexuais e com isso descartam outras possibilidades, sendo suas Representações Sexuais próximas ao que sustentam alguns estudos levantados por geneticistas.

Coloco a homossexualidade como contínuo alvo de pesquisas, algumas de caráter irresponsável, mas que significativamente tem contribuído para um grande avanço na luta e aquisição de Direitos Humanos GLBT, considerando esse trabalho como abertura a novas

políticas públicas, novas possibilidades que dará margem a maior visibilidade, novas discussões para o desenvolvimento de outros estudos referentes às questões da homossexualidade), seja de caráter comunitário, social e ou terapêutico no plano individual e grupal, não sendo restrito somente ao modelo clínico como a ciência psicológica é aparentemente percebida pelo grupo e por boa parte da sociedade, que, além disso, elitiza nossa ciência, diante da suposta dificuldade de acesso.

Conclui-se, portanto que, por ser esta pesquisa de cunho psicológico, é preciso considerar esta ciência para lidar com o recorte da orientação sexual, tendo a atuação profissional respaldada também pela Resolução CFP 001/99, que estabelece algumas normas de atuação ao profissional da área de psicologia enquanto profissional da saúde, evidenciando normas proibindo a patologização e promessa de cura ou reversão da homossexualidade, vedando ao psicólogo induzir às várias convicções, incluindo a orientação sexual como mostra o Código de Ética Profissional (2005), ressaltando também suas experiências e estudos, bem como aplicação de suas teorias, não desconsiderando fatores filogenéticos de cada ser humano. Portanto, sem desprezar essa rica experiência que é o contato com a representação simbólica da homossexualidade por parte de pessoas homossexuais, ressalto também como uma válida experiência requintando a percepção subjetiva, valorizando e sensibilizando através das questões inerentes ao seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adelman, Miriam. **Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX**. Ver. Sociologia política, junho 2000, nº 14. [Citado 11 agosto 2005]. Disponível na World Wide Webb:< [http://: www.scielo.br/scielo/php](http://www.scielo.br/scielo/php) >

Anjos, Gabriele dos. **Homossexualidade, direitos humanos e cidadania**. Sociologias, jan/jun. 2002. [Citado 11 agosto 2005]. Disponível na World Wide Webb: < [http://: www.scielo.br/scielo/php](http://www.scielo.br/scielo/php) >

Araújo, A. (2006, 04 de maio). Jornal Correio do Tocantins. Direitos Humanos lança programa de orientação. Homofobia. Caderno Cidades. Palmas.

Arruda, Ângela. **Teoria das representações Sociais e Teoria de gênero**. Cad. Nov. 2002,

nº 117. [Citado 19 agosto 2005]. Disponível na Wide Webb: <<http://www.scielo.br/scielo/php>>

Berger, Peter L. & Thomas, Lucmann. 1985. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.

Cigagna, Solange Hilsdorf de Lima. (2003). *Homossexualidade. A terapia de Vidas Passadas...explica?* São Paulo: CORPS.

Conselho Federal de Psicologia da 9ª Região GO/TO. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, D.F, 2005.

CORSA Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor.(2003) *Educando para a diversidade na escola. Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros. Orientações para professores e pais*. São Paulo:CORSA.

FACHINI, Regina; Barbosa, Regina Maria. 2006. *Dossiê das Saúde das mulheres lésbicas: Promoção da equidade e da integralidade*. Belo Horizonte: Sigla Comunicação.

Filho, Edson Alves de Souza. 1995. Análise das Representações Sociais. Spink,, Mary Jane P. (org.). Em: *O conhecimento no cotidiano: As Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, p. 109-145.

Condon, Gy Bill. (2005). **Kinsey: Vamos falar sobre sexo**. Fox Vídeo: Drama.

Goffman, Erving. 1988. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

González Rey, Fernando Luis. 2002. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning.

González Rey, Fernando. 2005. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning,

Lacerda, Marcos; & Pereira, Cícero; & Camino, Leôncio. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, 15(1). p. 165-178. [Citado 11 agosto 2005]. Disponível na World Wide Webb: <<http://www.scielo.br/scielo/php>>

Marinho, Leilane. (2006, 26 junho). Jornal do Tocantins. *Liberdade de expressão e combate à homofobia são temas de manifestação. 3ª Parada GLBT: Em busca de seus direitos Básicos*. Cultura. C.T Palmas.

Minayo, M.C.S. (org.). 1994. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis,

RJ:Vozes.Moscovici, Serge. 2003. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Oliveira, Bernadete. O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro. [Mestrado]

Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000. [Citado 03 outubro 2005]. Disponível na World Wide Webb:< <http://www.portalteses.cict.fiocruz.br> >

Pease, Alan; & Pease, Bárbara. 2000. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças. Rio de Janeiro: Sextante.

Sánchez Vásquez, Adolfo. (2003). Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.Santos, Boaventura de Sousa. (2000). Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez.

Licença. [
Esta](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/)